



Em um dia normal, o comum dos jovens não tem voz.

Num tempo em que vivemos em desespero, em que vemos os dramas que ocorrem a cada dia, em que apenas o ato de ver o Telejornal nos faz perder a esperança, pensamos muitas vezes que temos o futuro arruinado. Até que alguém começa a refletir, e quanto mais reflete, mais conclusões alcança, sendo que, com o aumento do número e gravidade dessas mesmas conclusões, cresce uma certa indignação.

Esse mesmo alguém liberta-se das correntes do conformismo e exorta os seus compatriotas à revolta, não uma revolta belicosa, mas uma rebelião contra a resignação. Esta revolta aquece-nos por dentro, agita nossas almas, faz com que percebamos que temos em nossas mãos a possibilidade de uma mudança. Afinal, se não formos nós a lutar pela nossa vida, ninguém mais o fará.

Então, finalmente apercebemo-nos que estes não são dias normais, logo, os jovens, que fazem parte da geração que futuramente vai viver, sustentar, desenvolver e governar a nação, querem, mais do que nunca, fazer ouvir a sua voz.

Esses jovens que não se resignam, que querem dar o seu melhor pelo país, que querem tomar as rédeas do seu futuro, lutam para ter uma palavra a dizer.

Muitas vezes são tomadas decisões sem que nós, jovens, que de algum modo podemos ser afectados, sejamos consultados. Assim, não será demais referir que, desprezando os jovens, estarão em posição de perdê-los. E já que nós somos o futuro, uma sociedade sem nós estará fadada à extinção.

Esta é a verdadeira função e importância de um programa como O Parlamento de Jovens: fazer com que a luta dos jovens não seja em vão.

Certamente que a Sessão Nacional é a fase mais almejada pelos participantes. Isto ocorre por muitos motivos, sendo que nem todos são assim tão ortodoxos.

Mas, o programa não está unicamente concentrado nesta sessão. Foi necessário todo um trabalho de preparação, passar pelas sessões escolar e regional, tentando fazer prevalecer as nossas ideias.

Este ano o tema a nós proposto foi: Os jovens e o emprego, que futuro?

Este é um tema recorrente nos dias de hoje, uma vez que somos confrontados a cada segundo com as consequências catastróficas que este drama tem na sociedade actual.

Parte da indignação resulta do facto de as informações que recebemos apenas nos dizerem que nós não teremos um futuro devida à ambição e à falta de cuidado de alguns. Porque é que eu tenho de pagar uma que não fiz?

Até que chega alguém que explica que parte dessa dívida serviu para criar infra-estruturas que contribuíram para o nosso desenvolvimento, logo, de um modo ou de outro, acabamos por usufruir dos bens e serviços que provocaram essa dívida, sendo que nada na vida é de graça.

Ainda assim, a indignação é justificada, pois nós não sabíamos que o nosso futuro estava hipotecado à partida.

Mesmo que aqueles que conduziram o país a esta situação devam ser responsabilizados, sejam eles quem for, não será perdendo tempo a “chorar sobre o leite derramado” que faremos avançar a nação. Será o debate sério e a ação pensada, estruturada e efetiva a fazê-lo.



Para tal, no dia 27 de maio, nós, os deputados, jornalistas e professores do círculo do Porto, partimos cedo. Cedo demais, na opinião de um estudante que espera acordar mais tarde numa 2.^a feira.

Começa a viagem, com a já esperada animação, com os gritos, gritinhos, guinchos e outras vocalizações do género. É tempo de reencontrar alguns amigos, preparar intervenções, fazer as revisões de última hora e, obviamente, conviver com outros deputados, o que contribui para relaxar e acabar com algum do nervosismo que possa existir antes da chegada a Lisboa.

No mesmo autocarro em que vínhamos, estavam também os deputados do círculo de Aveiro.

Devo dizer que sei que Portugal tem uma grande diversidade de paisagens, mas depois de cinco horas dentro do autocarro, uma montanha com pinheiros e eucaliptos era exactamente igual a uma planície sem nada.

Finda a viagem, estávamos todos nós a sentir o fortíssimo chamamento, aquele que faz os nossos corpos se moverem, em suma, sentimos o apelo do estômago.

Depois de termos as baterias devidamente recarregadas, entrámos no imponente palácio de S. Bento, a casa da Democracia, o Parlamento.

Fomos todos apropriadamente identificados e, não resistindo mais à ansiedade, dirigimo-nos às salas das comissões.

O círculo do Porto estava distribuído entre as comissões n.º 3 e n.º 4, sendo que o porta-voz, Jorge Monteiro, encontrava-se na 3.^a comissão, bem como os deputados do colégio INED Nevogilde, Luís Frago e Inês Carrondo.

A sessão começou com um ligeiro atraso, mas, logo que foi possível e quando todos os deputados estavam presentes, a Dr.^a Inês Pereira, que iria presidir os trabalhos, deu início aos mesmos, fazendo o discurso explicativo da praxe, tentando enaltecer a suavização da demissão cívica que ocorre nos dias de hoje.

O círculo do Porto apresentou um discurso, que procurou promover a iniciativa individual, fomentar a existência de um ensino mais técnico, mas também, incitar ao desenvolvimento do sector primário, aproveitando as suas potencialidades.

Nesta comissão, o debate foi mais “morno”, sendo que não teve a componente de espetáculo que tiveram os outros. Ainda assim, não foi por isso que a discussão na 3.^a comissão não foi tão produtiva quanto nas outras.

Infelizmente para os deputados do Porto, o projecto-base da comissão que foi escolhido foi o de Leiria, por uma margem de dois votos em relação ao Porto.

Entretanto, os jornalistas das escolas ali presentes faziam uma visita guiada pelo palácio e recebiam algumas indicações acerca daquilo que deveriam fazer no dia seguinte.

Depois do encerramento dos trabalhos, os deputados e jornalistas dirigiram-se à sala

do senado, tendo em vista assistir ao programa cultural que se traduzia em uma atuação do Grupo de Dança do Agrupamento de Escolas de Águas Santas, em que a mesma decorreu com música africana, que, fazendo uso do seu poder intrínseco, conseguiu animar e imbuir de energia os já cansados deputados e jornalistas.

Seguidamente, os presentes encaminharam-se para o claustro do palácio, para que pudessem jantar, conversar e fazer alguns contactos, que poderiam ser úteis para o dia seguinte.

Quando todos se consideraram satisfeitos, fomos encaminhados para os autocarros, que nos trouxeram para Lisboa, a fim de nos dirigirmos a Oeiras, mais especificamente ao Inatel, onde passaríamos a noite.

No dia seguinte, depois de um despertar apressado (fruto das conversas, passeios e outros divertimentos que perduraram pela noite adentro), bem como de um pequeno-almoço revitalizante, dirigimo-nos à Assembleia para o segundo e último dia da Sessão Nacional, onde ocorreria o acontecimento mais esperado por todos: a sessão plenária.

Mais uma vez, a sessão começou atrasada, tendo sido oficialmente aberta pelo presidente da Comissão de Educação, Ciência e Cultura, o Dr. José Ribeiro e Castro,



com um discurso de motivação, de incitamento a uma maior participação cívica por parte dos jovens.

Posteriormente, o presidente da mesa, o deputado Luís Carlos Carvalho, de Coimbra, concedeu a palavra ao Secretário de Estado da Juventude e Desporto, o Dr. Emídio Guerreiro, cujo discurso seguiu o mesmo tom do anterior.

O debate, nesta fase, já não tem a componente construtiva tão patente, sendo que a componente de espectáculo tornou-se mais proeminente. As intervenções tornaram-se mais aguerridas, procurando o apoio e crescendo em aplausos.

Alguns deputados, como os do círculo do Porto, fizeram uso de uma pensada cordialidade, enquanto outros conseguiram usar das suas capacidades de reacção imediata para criar argumentos capazes de deixar os inquiridores “embasbacados” e levar ao delírio os restantes presentes.

Enquanto na sala do senado os nossos deputados estavam atarefados, os jornalistas encontravam-se numa conferência de imprensa disponibilizada pelo Dr. Ribeiro e Castro:



Por que é que os nossos decisores políticos continuam a lançar culpas uns aos outros, quando o povo apenas almeja soluções?

“Essa é quase a pergunta de um milhão de dólares!”, Dizia Ribeiro e Castro, “Se há alguma coisa que falta em Portugal é esperança. As pessoas sabem em que buraco é que caíram, mas não sabem para onde é que vão e isso gera descontentamento. É natural que culpas sejam apontadas. A disputa partidária, por vezes, tem lógicas que se sobrepõem à lógica nacional.”

A existência de um programa como o Parlamento dos Jovens é, talvez, o resultado de um momento em que tanto a lógica partidária quanto a nacional estiveram de acordo, pois é preciso dar a palavra aos jovens.

Depois do encerramento da sessão, todos os presentes na Sala do Senado ergueram-se e a uma só voz entoaram o Hino Nacional, mostrando a quem quisesse ver que, apesar da situação desesperante, ainda há, por estas terras, orgulho na nação, orgulho em ser portugueses.